

AQUI-LOMBISM@: INTERSECÇÕES ENTRE ABDIAS DE NASCIMENTO E O AFROFUTURISMO MUSICAL BRASILEIRO

Beatriz de Souza Bessa¹

Resumo: O presente trabalho investiga as relações existentes entre práticas musicais do campo artístico afrofuturista brasileiro e o conceito de quilombismo de Abdias de Nascimento. Partindo da leitura do livro Quilombismo e da análise de repertório musical de artistas do Brasil, esse texto reflete sobre as conexões e distinções entre ambos os conceitos. A partir da pesquisa qualitativa de autores que versam sobre o afrofuturismo, vocábulo criado por Mark Dery, escritor branco norte-americano, propõe-se a criação de um novo termo, que dialoga com a realidade brasileira através de práticas musicais que unem sonoridades da cultura popular ancestral e elementos virtuais e digitais: o aqui-lombism@. Dessa forma, se objetiva analisar o fazer musical de nosso país afinado com nossas próprias vivências e referências afrodiáspóricas.

Palavras-chave: afrofuturismo; quilombismo; aqui-lombism@, Abdias do Nascimento; música brasileira

Aqui-lombism@: intersections between Abdias de Nascimento and brazilian musical afrofuturism

Abstract: This paper investigates the relationships between musical practices in the brazilian afrofuturist artistic field and Abdias de Nascimento's concept of quilombismo. Based on the reading of the book Quilombismo and the analysis of the musical repertoire of Brazilian artists, this text reflects on the connections and distinctions between both concepts. Based on qualitative research of authors who discuss afrofuturism, a term created by Mark Dery, a white american writer, the text proposes the creation of a new term that dialogues with brazilian reality through musical practices that combine sounds from ancestral popular culture and virtual and digital elements: aqui-lombism@. In this way, the aim is to analyze the musical production of our country in tune with our own experiences and afro-diasporic references.

Keywords: afrofuturism; quilombism; aqui-lombism@, Abdias do Nascimento; brazilian music

Aqui-lombismo@: intersecciones entre Abdias de Nascimento y el afrofuturismo musical brasileño

¹ Musicista, compositora, cantora e gestora da Música Para Brincar. Doutoranda em Música na UNIRIO na Linha Ensino e Aprendizagem, bolsista CAPES DS, integra o GEPEAMUS - Grupo de Pesquisa Práticas de Ensino, Aprendizagem e Música, do(a) Colégio Pedro II, o Grupo Focal BSAM Brasil - Música e o Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências e Tecnologias Africanas, Indígenas e Diaspóricas (G PI), do(a) Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Memória Social (UNIRIO) e Mestre em Ensino das Práticas Musicais PROEMUS (UNIRIO). Especialista em Práticas Musicais na Educação Básica (Colégio Pedro II). Psicóloga com Bacharelado e Licenciatura em Psicologia (UERJ). Possui formação na Escola de Música Villa Lobos - EMVL. Atua desde 2015 como Arte Educadora no Museu do Pontal e desde 2003 Arte Educadora do Núcleo Experimental de Arte Educação, professora de educação musical da Educação Infantil ao Ensino Fundamental II desde 2008. Gerencia o Música Para Brincar, realizando voz e violão interativo em festas e eventos infantis desde 2011. Como compositora, teve projetos autorais premiados pela FUNARJ, Lei Aldir Blanc, Lei Paulo Gustavo e FUNARTE. Atua como parecerista de projetos culturais no Fundo de Amparo à Cultura (SECEC- DF), e em projetos da Lei Paulo Gustavo e da Lei Aldir Blanc de Pernambuco, Ceará, Canoas, Piracicaba, entre outras regiões. Mãe de gêmeas e filha de Maestro, iniciou a educação musical de maneira não formal, em casa. Se interessando por música, arte educação, cultura popular e educação antirracista.

Ao longo do tempo algumas reflexões foram geradas: “o afrofuturismo é a ficção especulativa ou a ficção científica escrita por autores afrodiáspóricos e africanos, um movimento estético global que abrange arte, cinema, literatura, música e academia.” (YASZEK, 2013, p. 1). Para Freitas e Messias (2018) o afrofuturismo envolve “criações artísticas que exploram futuros possíveis para as populações negras por meio da ficção especulativa” (FREITAS; MESSIAS, 2018, p. 405). Já Mosley pontua que “a ficção científica pode derrubar paredes e janelas, os artifícios e as leis mudando a lógica, capacitando os desprivilegiados” (MOSLEY, 1998, p. 32). Eshun (2003) define o Afrofuturismo como “um programa para recuperar as histórias de contra futuros criados num século hostil à projecção afrodiáspórica” (ESHUN, 2003, p. 301) e Nelson (2002) afirma que se trata de “vozes afro-americanas com outras histórias para contar sobre cultura, tecnologia e coisas que estão por vir” (NELSON, 2002, p. 9). Ytasha Womack (2013) o define como “uma interseção entre a imaginação, a tecnologia, o futuro e a liberação” (WOMACK, 2013, p. 9). Na perspectiva do Afrokut, um coletivo online que se intitula como Rede Social da AfroHumanitude na internet, o afrofuturismo é “uma nova tecnologia de cura, memória e justiça, que desestabiliza noções de tempo linear ocidental” (AFROKUT, 2024). Já segundo Ernesto (2018), conhecida no âmbito de coletivos afrofuturistas no Brasil como Luain-Zaila, “desde a antiguidade, os povos negros africanos e suas inúmeras diásporas sempre demonstraram através de levantes estarem prontas para imaginar e viver futuros onde suas pátrias, descendências, culturas e vidas seriam livres de qualquer tipo de opressão (ERNESTO, 2018, p.6).

Queiroz (2023) vai mais além e relata que “desde o primeiro quilombo, como projeto de futuro e suas tecnologias, ou desde o primeiro tambor aqui fabricado, estaríamos tentando formular uma outra forma de concepção de tempo e espaço” (QUEIROZ, 2023, p. 93) e relata exemplos de diferentes etnias de África que já idealizavam contatos com seres de outros planetas, como os bakongos.

Nessa perspectiva, o afrofuturismo não se inicia no século XX a partir do termo de Dery, e sim revela a expressão de forças de resistência que acontecem desde o rapto de africanos e africanas de suas terras, visando um futuro de liberdade. A perspectiva afrofuturista “estuda os apelos que artistas, músicos, críticos negros e escritores fizeram para o futuro, nos momentos em que qualquer futuro para eles era difícil imaginar” (ESHUN, 2003, p. 294). Destarte, o futuro está intrinsecamente ligado ao passado.

Sun Ra, ao propor que os afroamericanos formem uma nova colônia em outro planeta, fomentando o que viria a ser

denominado como afrofuturismo, propõe, no campo da arte, uma rede de irmandade buscando a libertação e assumindo o comando da própria história. O músico fazia parte do O Movimento de Artes Negras, o Black Arts Movement, que foi um movimento artístico liderado por afro-americanos, ativo entre as décadas de 1960 e 1970, combinando arte e ativismo para celebrar a cultura e história do povo negro. Sun Ra afirma no trailer do filme:

a música é diferente aqui, as vibrações são diferentes, não como o som planetário de armas, raiva, frustração (...) entenda que montamos uma colônia para pessoas negras aqui, veja (...) nós os trazemos aqui através de qualquer transferência de teletransporte de isótopos, liquidação, melhor ainda, teletransporte, o planeta inteiro aqui através da música. (RA, 1974, tradução minha)

Percebe-se uma narrativa fantasiosa e sem implicação direta com as lutas que estavam sendo travadas no país de origem do músico. Por uma lado, pode-se interpretar a ação de Sun Ra como uma espécie de pessimismo e descrença de que o Planeta Terra pode vir a ser um local justo e sem preconceitos de cor, e que a ida a um outro planeta é a única solução. Mas, de alguma forma, também pode-se associar a criação de um novo mundo, como a criação dos quilombos no Brasil.

QUILOMBISMO

Nascimento explica que quilombismo é movimento político dos negros do Brasil, que resultou da “exigência vital dos africanos escravizados, no esforço de resgatar sua liberdade e dignidade através da fuga ao cativeiro e da organização de uma sociedade livre.” (NASCIMENTO, 2002, p. 337).

essa rede de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afoxés, escolas de samba, gofeiras foram e são os quilombos legalizados pela sociedade dominante; do outro lado da lei se erguem os quilombos revelados que conhecemos. Porém tanto os permitidos quanto os “ilegais” foram uma unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história. A este complexo de significações, a esta práxis afro-brasileira, eu denomino de quilombismo” (NASCIMENTO, 2002, p. 338)

Os quilombos foram criados como refúgios de negros que escapavam da repressão durante todo o período escravocrata

brasileiro, entre os séculos XVI e XIX. Localizados em locais normalmente de difícil acesso, pois eram esconderijos, se fazia necessário criar laços comunitários e promover uma autonomia para não haver dependência de recursos externos. Já o quilombismo expressa um modo de ser do povo afro brasileiro, de preservar sua memória, fortalecer sua cultura, entre outros preceitos políticos, econômicos e ambientais que Nascimento nos oferece em sua obra. O autor é contra qualquer espécie de tradução das lutas quilombolas para situações estrangeiras, fortalecendo a ideia de que é um fenômeno particularmente afrobrasileiro.

Mas o autor não reduz a existência do quilombismo à existência dos quilombos, pois considera que “o exemplo quilombista significa como valor dinâmico na estratégia e na tática de sobrevivência e progresso das comunidades de origem africana.” (NASCIMENTO, 2002, p. 338). Assim, o quilombismo pode ser compreendido como um conceito que aponta para invenção de formas de existência do povo negro durante e após os massares seculares da escravidão e seus reflexos nefastos na sociedade, pois “o negro consciente não tem a menor esperança de que uma mudança progressista possa ocorrer espontaneamente em benefício da comunidade afro-brasileira”. (NASCIMENTO, 2002, p. 335).

A segurança de um futuro melhor para a população negra não se inclui nos dispositivos da chamada “lei de segurança nacional”. Esta é a segurança das elites dominantes, dos seus lucros e compromissos com o capital interno ou estrangeiro, privado ou estatal. A segurança da “ordem” econômica, social e política em vigor é aquela associada e inseparável das teorias “científicas” e dos parâmetros culturais e ideológicos engendrados pelos opressores e exploradores tradicionais da população afro-brasileira.

Segundo o autor, o futuro da população negra só vai existir de forma saudável a partir da luta antirracista, das demandas das pessoas negras, do sentimento quilombista. Assim, há de se considerar entrelaçamentos possíveis entre o afrofuturismo norte-americano e o quilombismo brasileiro, traçando paralelos entre o filme de Sun Ra e as ações de luta contra a opressão colonizadora no Brasil. Reduzir o escape da violência a uma simples fuga, como foi popularizado pelo termo “nego fujão”, inscrição da voz do senhor de escravos à procura do negro aquilombado, é desconsiderar o absurdo que foi a escravidão africana, em qualquer lugar do mundo. A ida de Sun Ra para o planeta Arkestra também não o é. A

libertação em relação ao opressor não é um processo individual e sim uma força coletiva que vai delineando contornos extremamente eficientes para manutenção da cultura e do respeito comum entre os diferentes povos negros no territórios onde o sistema escravocrata fez milhares de vítimas, pois segundo Nascimento “quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial” (NASCIMENTO, 2002, p. 348), um “projeto de país a partir das lutas e vivências negras” (QUEIROZ, 2023, p. 93).

AFROFUTURISMO NA MÚSICA BRASILEIRA

No Brasil, artistas e grupos musicais que se autointitulam afrofuturistas no Brasil apontam que fazem parte de um movimento, um coletivo, apontando para uma faceta social, e não apenas individual, do seu trabalho criativo. Ellen Oléria, musicista brasiliense, sobre o seu disco intitulado Afrofuturista declara que:

Há quatro anos estudo afrofuturismo e penso em como trazer todo esse universo à tona. Sou herança, descendência e promessa dessa linhagem. No disco, passemos pelos ritmos tradicionais, afro-brasileiros”, afirmou. “O álbum fala de raízes, de como as populações afrodiáspóricas têm sobrevivido aos projetos de extinção e massacre com tanta luminosidade, inventividade e criatividade. Passa pelo candomblé, pelas modas de viola, pelo maracatu. Um trabalho coletivo, como prefiro fazer. Enquanto eu puder cantar e contar nossas histórias, farei isso².

Ao canal EBC, o rapper carioca BNegão afirmou ser militante do afrofuturismo, e falou que “é o passado, presente e o futuro: o que veio dos ancestrais, o que tá acontecendo agora que vai refletir no futuro³”. Já Larissa Luz, artista baiana, disse em entrevista que “estamos num momento em que precisamos usar da imaginação para acessar as lembranças da sensação de aglomerar⁴. Segundo Assis e Souza (2019) no Brasil o afrofuturismo na música pode ser representado pela cultura juvenil negra do movimento do *Afro tombamento* ou *Geração Tombamento*, que é um movimento estético e político que usa performances da estética afrofuturista como forma de protesto. Os artistas Karol ConKa, Ellen Oléria, Baco Exu do Blues, Liniker, Senzala Hi-Tech são alguns nomes dessa

²<https://social.shorthand.com/mgramigna4L/n2fRCd7Ykrf/o-afrofuturismo-na-musica-brasileira.html>

³<https://social.shorthand.com/mgramigna4L/n2fRCd7Ykrf/o-afrofuturismo-na-musica-brasileira.html#:~:text=%C3%89%20o%20passado%2C%20presente%20e,%20o%20EBC%20na%20Rede.>

⁴<https://www.folhape.com.br/cultura/larissa-luz-lanca-clipe-afrofuturista-pa-ra-a-musica-hipnose/145607/>

vertente. Rocha (2020) aponta que o álbum *Afrociberdelia*⁵, de Chico Science e Nação Zumbi, lançado em 1996 já flertava com aspectos afrofuturistas, anunciando “um universo que emerge do encontro do baque do maracatu com guitarras distorcidas do rock, do Rap e batidas de música eletrônica” (ROCHA, 2020, p. 4). O samba de roda, também seria, segundo Rocha (2020) uma sonoridade afrofuturista, pois traz uma tecnologia sonora inovadora a partir do uso do prato-e-faca como instrumento percussivo, trazendo timbres imprecisos e exprimindo “uma forma de enfrentamento das forças colonizadoras da tonalidade” (ROCHA, 2020, p. 6). Baiana system, Orquestra Afrosanfônica, Abufelo, Foli Griot Orquestra, Rita Benneditto, Naná Vasconcelos, Djalma Correa, Juçara Marçal, Xênia França, OQuadro, Radiola Serra Alta, Abayomi Afro Beat Orquestra, Aláfia, Afroelectro, Orquestra Rumpilezz, entre centenas de outros artistas do Brasil, atuais e passados, bebem de fontes sonoras de nossos antepassados e mesclam-se às inovações em diferentes matizes da tecnologia sonora. Gilberto Gil⁶ em 1991 lançou Parabolicamará, mesclando a ginga da capoeira à trama das inovações via satélite de então, além de ter muitas composições com temáticas espaciais e virtuais, como *Lunik 9*, *Cérebro Eletrônico*, *Objeto Semi-Identificado*, *Pela Internet*, entre outras. Jorge Ben Jor em 1974 na letra de *Errare humanum est*⁷ traz as figuras das viagens espaciais, dos astronautas, dos deuses de outras galáxias. Inclusive ele é apontado por Oliveira (2020) como o pioneiro do afrofuturismo na MPB. Segundo o autor, o músico carioca é “responsável por fundar um novo paradigma que conduz a música brasileira por lugares bem diferentes daqueles possibilitados pela bossa nova” (OLIVEIRA, 2020), que era a música de referência na época, pois o violão de Jorge trazia renovações nas levadas, na forma de tocar.

Para além de celebrar ritmos e levadas da cultura popular afrobrasileira, grande parte desses artistas também são engajados nas letras, fomentando a denúncia ao racismo, o orgulho negro, a cultura ancestral, o legado africano, a violência policial, entre outras temáticas que denunciam o epistemicídio e o racismo estrutural presentes hoje em nossa sociedade, apontados já anteriormente pelo autor de *O Quilombismo*:

acreditamos na reinvenção de nós mesmos e de nossa história. Reinvenção de um caminho afro-brasileiro de vida fundado em sua experiência histórica, na utilização do conhecimento crítico e inventivo de suas instituições golpeadas pelo colonialismo e o

⁵ Chico Science & Nação Zumbi - Afrociberdelia [Full Album] (youtube.com)

⁶ Parabolicamará (youtube.com)

⁷ Errare Humanum Est (youtube.com)

racismo. Enfim, reconstruir no presente uma sociedade dirigida ao futuro, mas levando em conta o que ainda for útil e positivo no acervo do passado. (NASCIMENTO, 2002, p. 347)

Desfrutar novas tecnologias sonoras em repertório tradicional não destrói o que já existe quando uma dada coletividade tem plena consciência, orgulho e investe em práticas que fortalecem a sua cultura.

AFROFUTURISMO E O BRASIL

O povo arrancado de África, arrastado para diferentes locais do mundo, criou formas de organização, até mesmo soluções de libertação para sua sobrevivência, como as Underground Railroad nos Estados Unidos, por exemplo. Da região de Angola saíram rotas de escravidão tanto para o Cais do Valongo no Rio de Janeiro como para o porto Point Comfort, no Estado da Virgínia. Assim, existe uma similaridade no bojo das culturas da amefricaladina, conforme conceito de Lélia Gonzalez, que une Brasil e Estados Unidos. Em ambas as nações, assim como em outros países da diáspora africana, inauguram-se resistências, sejam factuais ou imbuídas da fantasia, do sonho, da especulação.

Assim, imaginar um mundo novo não é ser ausente dos debates políticos, pois criar uma outra realidade é acreditar que a arte também pode salvar. É alternar entre o enfrentamento direto, a luta por direitos e criar um mundo diferente, fantasioso e seguro. A luta constante cansa e desgasta. A gente é artista, não é guerreiro só. Queremos inventar o mundo à luz das nossas próprias referências. Isso nos une enquanto pessoas negras e faz com que possamos ser os centros de nossas próprias histórias e conceber nossas próprias possibilidades de futuro.

No mundo em que vivemos, nosso futuro ainda não é promissor. Apesar das diferentes leis e ações governamentais ainda imperam crimes de racismo (ver estatísticas). Além disso, pesquisas realizadas pelas instituições Comitê Gestor da Internet no Brasil⁸ (CGI.br) em 2021 e Potências Negras Tec⁹ em 2022 apontam tanto a ausência de pessoas negras nas áreas da tecnologia, principalmente mulheres negras, como a

⁸<https://forbes.com.br/forbes-tech/2020/05/negros-e-pobres-sofrem-com-exclusao-digital-durante-a-pandemia>

⁹<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/pesquisa-inedita-mostra-desigualdade-racial-no-mercado-de-tecnologia/>

dificuldade de acesso a bens virtuais pela população afrodescendente no Brasil. Ser ativo dentro da perspectiva da era digital, rompendo com a imagem generalista que retrata nós negros como pessoas ligadas somente a práticas artesanais e à informalidade, também é um dos pontos que alimenta o pensamento afrofuturista. “Com o poder da tecnologia e liberdades emergentes, os artistas negros têm mais controle sobre sua imagem mais do que nunca. Bem-vindo ao futuro”. (WOMACK, 2013, p.28). The Beat Diáspora¹⁰ é uma série documental que retrata o caminho das batidas africanas para o pop mundial. O programa procura entender como os ritmos dos tambores nascidos em África se espalharam através da diáspora, metamorfoseando-se tecnologicamente e atuando hoje em dia, vivendo em constante retroalimentação entre diferentes comunidades afro-diaspóricas. O domínio de aparatos computacionais para fazer música pode ser uma das soluções para a presença de pessoas negras nesse setor.

Flertar com o afrofuturismo é criar novas possibilidades de existência a fim de desafiar as narrativas tradicionais no campo da cultura que frequentemente marginalizam a presença negra na elaboração do futuro. O afrofuturismo nasce na emergência de construir perspectivas negras num planeta em constante avanço tecnológico. Não é alienado imaginar pessoas negras habitando outros astros, pois esse movimento está em consonância com as nossas lutas políticas.

Primeiro, a melanina é uma energia ancestral, a negritude é um poder. E esse poder, ninguém quer que a gente descubra. Existe uma atmosfera branca que não quer que a gente descubra. Estão desesperados porque a gente está descobrindo que a melanina é uma energia ancestral e que a negritude é um poder. Então a gente pensa o afrofuturismo como um amanhã que será totalmente diferente do que a gente está vivendo hoje e do que a gente está buscando hoje. A gente está pensando centenas de milhares de léguas do pensamento ‘Eu tenho um sonho’ do Martin Luther King. É mais que um sonho. A gente está visibilizando isso e a gente está visualizando isso (Agostinho)

Assim, estando a produção musical afrofuturista brasileira em diálogo com manifestações culturais de povos que foram escravizados, e que criaram inúmeras formas de luta contra a tirania, muitas vezes articuladas a aspectos da cultura musical de diferentes povos de África, mas recriados e ressignificados aqui, podemos veicular o som afrofuturista brasileiro a uma nova expressão do quilombismo.

¹⁰<https://www.youtube.com/playlist?list=PLvYox0xue0MW5R9MSZywz0Xga597z39ks>

Ndikung, pesquisador sobre arte saqueada e restituição, por sua vez, nos oferece um ponto de vista alternativo: o curador camaronês não acredita que o termo afrofuturismo representa toda a diáspora, pois ele acredita ser o termo uma contradição, por apresentar um elo entre as palavras “afro” e fazer uma menção ao movimento “futurista”. O Manifesto futurista¹¹, de 1909, foi lançado pelo poeta italiano Felippo Tommaso Marinetti, caracterizando-se por refutar referências do passado, celebrar o progresso, a tecnologia, a velocidade e a vida urbana. Além disso, Marinetti estava em consonância com as ideias de Benito Mussolini, ditador italiano da época, aproximando-se assim do fascismo. “Eu acho que é importante para muitas pessoas, e eu acho que a gente também precisa de novos termos, noções e palavras”¹². O termo afrofuturista nos remete ao *futurista* como radical e *afro* apenas como um prefixo.

A multiartista pernambucana biarritz, nomeou seu primeiro trabalho na música como *Eu Não Sou Afrofuturista*, um álbum sonoro-visual e uma instalação virtual. A ideia do nome surge de uma reação a tentativa de reduzir a obra da artista à ideia de afrofuturismo, pois é um termo originalmente criado por Mark Dery, um pesquisador branco e norte americano. Em entrevista ao JCPM, a multiartista reflete e critica:

Eu comecei a entender que se tratava de um processo de importação de conceitos. E que se tratava, na verdade, de um fluxo que reproduz várias das coisas que eu questiono e crítico. Aquilo começou a se tornar uma pauta internacional e eu comecei a pensar sobre esses fluxos do mainstream, que reproduzem uma dominação dos termos que estão centralizados numa branquitude acadêmica e intelectual que acaba pautando as produções mundo a fora por várias questões. Por fluxos econômicos e por uma questão de visibilidade, os artistas negros e racializados não têm sua voz definida até que exista um rótulo em que eles/elas se enquadrem. Essa intelectualidade que acaba definindo os conceitos que a gente vai usar na América Latina, que a gente vai usar como pessoas racializadas num contexto em que as negritudes possuem especificidades em cada estado do Brasil, e quem dirá em cada país da América do Sul e do mundo¹³.

Nascimento então nos traz reflexões que dialogam com as inquietações de Biarritz, ao pontuar que

¹¹ <https://comoarte.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/06/manifesto-do-futurismo.pdf>

¹² <https://almapreta.com.br/sessao/cultura/afrofuturismo-nos-somos-a-tecnologia-affirma-poeta-saul-williams/>

¹³ <https://jc.ne10.uol.com.br/cultura/2020/10/11990102--eu-nao-sou-afrofuturista---biarritz-afirma-sobre-novas-midias-e-pedagogias-do-meme.html>

AQUI-LOMBISM@: INTERSECÇÕES ENTRE ABDIAS DE NASCIMENTO E O AFROFUTURISMO MUSICAL BRASILEIRO

Precisamos e devemos codificar nossa experiência por nós mesmos, sistematizá-la, interpretá-la e tirar desse ato todas as lições teóricas e práticas conforme a perspectiva exclusiva dos interesses da população negra e de sua respectiva visão de futuro. Esta se apresenta como a tarefa da atual geração afro-brasileira: edificar a ciência histórico-humanista do quilombismo. (NASCIMENTO, 2002, p. 34)

Assim, na continuidade desses escritos, se propõe o uso de um novo termo que melhor harmoniza com nosso panorama: o aqui-lombism@.

AQUI-LOMBISM@

Há uma força na atual produção musical brasileira cujas características transitam pelo uso de ferramentas digitais, virtuais e inovadoras de ação composicional, pelo desfrute de referências musicais ancestrais e da cultura popular afrodescendente, em meio a criação de letras que potencializam o orgulho negro, havendo presença marcante e atuante de mulheres no protagonismo dessas ações. Essa musicalidade traz referências de côco, jongo, capoeira, maculelê, tambor de crioula entre tantos outros ritmos criados e continuados pelo povo negro do Brasil. É na prática sonora que a irmandade se perpetua e a cultura é celebrada, a fim de não deixar morrer as raízes culturais que tanto foram combatidas pelo terror da colonização. Quando a geração atual bebe dessa fonte e a mistura com tantas inspirações eletrônicas, de um modo tão nosso, será que utilizar um termo norte-americano, criado por um homem branco, é façanha que enaltece a cultura que queremos celebrar? Assim, propõe-se uma análise que manifeste não só nossas práticas culturais, como também nossas resistências históricas, propõe-se o uso do termo aqui-lombism@, e não afrofuturismo, e podemos destrinchar suas partes: Aqui, pois está sendo vivido agora, quilombismo pois se inspira nesse grande feito gerado no Brasil, e @ ao final para ilustrar que ocorre em territórios presenciais e virtuais.

CONCLUINDO

As musicalidades afrodiáspóricas apresentam similaridades pois são fruto de formas de perseguição e invisibilização impetradas pelo processo escravocrata em diferentes regiões das Américas. No entanto, no Brasil, os quilombos foram uma forma de luta única, e seu legado reverbera até hoje. Assim, precisamos nos apropriar, reconhecer, celebrar e dar continuidade a nossa trajetória, usando nossas próprias

palavras e inspirações. Mesmo que haja ecos do afrofuturismo norte americano nas expressões sonoras do Brasil de agora, é essencial que não esqueçamos de nossa identidade e nossa herança, única e pulsante. Futuro e passado estão interligados, é como o “início, meio, início” (SANTOS, 2020) da fala do Mestre Nego Bispo, revelando que não há fim e que o retorno ao passado fortalece o futuro. Viva o aqui-lombism@!

REFERÊNCIAS

ACUFF, J. B. Afrofuturism: Reimagining Art Curricula for Black Existence, *Art Education*, v. 73, p.13-21, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00043125.2020.1717910>. Acesso em 15 de abril de 2024.

AFROKUT. Rede Social da AfroHumanitude. Disponível em: <https://afrokut.com.br/>. Acesso em: 20/03/2024

ASSIS, Kleyson Rosário; SOUZA, Esdras Oliveira de. O Afrofuturismo como dispositivo na construção de uma proposta educativa antirracista. *Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas*, Serra Talhada, 6: 64-74, Jan./Dez. 2019

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica [...]. *Diretrizes curriculares nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2004. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_interdisciplinares/diretrizes_curriculares_nacionais_para_a_educacao_das_relacoes_etnico_raciais_e_para_o_ensino_de_historia_e_cultura_afro_brasileira_e_africana. Acesso em: 18 dez. 2023.

DAVID, M. (2007). Afrofuturism and post-soul possibility in Black popular music. *African American Review*, 41(4), 695-707

DERY, Mark. *Black to the future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate, and Tricia Rose. Flame Wars: the discourse of cyberspace*. Durham: Duke University Press, 1994.

ERNESTO, Luciene Marcelino. *Sankofia: breves histórias sobre afrofuturismo*. Rio de Janeiro: Edição da Autora, 2018.

ESHUN, K. Further considerations on Afrofuturism. *The New Centennial Review*, v. 3, n. 2, 2003.

FREITAS, K.; MESSIAS, J.. O Futuro Será Negro ou Não Será: Afrofuturismo versus Afropessimismo - as distopias do presente. *Revista de la Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual*, n. 17, p. 402-424, 2018.

KABRAL, Fábio. [Afrofuturismo] O futuro é negro o passado e o presente também. Portal Geledes. São Paulo, 29/03/2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/afrofuturismo-o-futuro-e-negro-o-passado-e-o-presente-tambem>. Acesso em: 12 dez. 2023

LIMA, H. P.; MELO, W. Ferreira de; VASCONCELOS, Á. M. Araújo de. *O fio d'água do quilombo: uma narrativa do Zambeze no Amazonas?* São Paulo: Prumo, 2012.

AQUI-LOMBISM@: INTERSECÇÕES ENTRE ABDIAS DE NASCIMENTO E O AFROFUTURISMO MUSICAL BRASILEIRO

MOSLEY, Walter. *Culture zone; black to the future*. *New York Times Magazine*, 1 de novembro de 1998

NELSON, Alondra. *Introduction: future texts*. *Social Text*, v. 20, n. 2, p.1-15, Durham: Duke University Press, 2002. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/pub/4/article/31931>. Acesso em: 10 dez. 2023

SANTOS, Antônio Bispo dos, "Início, meio, início: Conversa com Antônio Bispo dos Santos", *Indisciplinar*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 52-69, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/article/view/26241>. Acesso em: 10 dez. 2023

QUEIROZ, R.P.F. Cruzando a órbita prum novo mar: Xênia França e o afrofuturismo no videoclipe de Nave. *ALCEU* (Rio de Janeiro, online), V. 21, No 43, p.106-126, jan./abr. 2021

OLIVEIRA, Acauam. De qual afrofuturismo precisamos? *Revista Bravo!* Aug 27, 2020. Disponível em: <https://medium.com/revista-bravo/de-qual-afrofuturismo-precisamos-ed9bce0796e7>

RA, Sun. *Space is the place*. John Coney. Youtube: 1974. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=owCPrIElizc&t=2s>. Acesso em: 10 dez. 2023

ROCHA, P. G. M.. *O som afrofuturista: elaboração da ficção sonica Impactitos por Disco Duro*. 2021. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

WOMACK, Y. *Afrofuturism: The world of black sci-fi and fantasy culture*. Chicago: Lawrence Hill Books, 2013.

YASZEK, Lisa. *Race in Science Fiction: The Case of Afrofuturism and New Hollywood. A Virtual Introduction to Science Fiction*. Ed. Lars Schmeink. Web, 2013